As condições para renegociar

por Reginaldo Heller
do Rio

Declaração unilateral de suspensão automática de créditos ou pré-financiamentos às exportações, conduzindo a um verdadeiro colapso as transações com o exterior. A afirmação é do economista e diretor do Banco Boa Vista, Antônio Carlos Lemgruber, em palestra que proferiu no seminário organizado ontem pela Câmara de Comércio Americana. Segundo ele, o saldo de caixa do País é constituído, hoje, pelos pré-financiamentos às exportações futuras que servem para pagar as importações passadas. "Sem eles", disse Lemgruber, "as importações não serão pagas e o País deixa de importar, e as exportações não se realizarão."

Ao contrário da moratória unilateral, Lemgruber

defendeu uma ampla renegociação da dívida externa, já que a moratória consentida está em pleno vigor. "Para isto", disse ele, "serão necessários credibilidade, um programa de ajustamento aprovado pelo Fundo e a renegociação com o Clube de Paris — que reúne instituições governamentais e internacionais de crédito — e com os bancos privados." Segundo ele, a necessidade bruta de recursos apenas para a rolagem da dívida externa brasileira em 1983 ascende a US\$ 37 bilhões, representados pela amortização do principal de longo prazo (US\$ 7 bilhões), dos juros da dívida de longo prazo (US\$ 10 bilhões), dos créditos comerciais, (US\$ 10 bilhões), financiamentos de curto prazo (US\$ 10 bilhões), além de outros fundos. Numa renegociação do esquema de amortizações,

há necessidade imperiosa de renegociar, também, o pagamento dos juros, e sua tese é de vinculação de novos empréstimos às taxas de juros vigentes para evitar a sucessão de "jum-bos".

Na sua palestra, ele mostrou o perfil da dívida externa brasileira com os bancos privados: Estados Unidos, US\$ 12,055 bilhões; Japão, US\$ 6,031 bilhões; Canadá, US\$ 5,576 bilhões; França; US\$ 2,559 bilhões; Alemanha, US\$ 2,742 bilhões, outros países da Europa, US\$ 3,124 bilhões; outros, US\$ 1,442 bilhão. Além disso, será preciso renegociar a dívida com o Clube de Paris, da ordem de US\$ 16 bilhões, com as multinacionais, de US\$ 4,7 bilhões; e até dos bancos brasileiros no interbancário, calculada em US\$ 7 bilhões.

FRUSTRAÇÃO

Os cerca de oitenta altos executivos de empresas estrangeiras e brasileiras, reunidos ontem no seminário promovido pela Câmara de Comércio Americana, não conseguiram extrair subsídios suficientes para a alimentar seus programas orçamentários para 1984. A tentativa de vislumbrar tendências futuras acabaram frustradas.

O economista Paulo Rabello de Castro, da Fundação Getúlio Vargas, abriu o encontro dizendo que a alternativa para o aprofundamento do processo recessivo e a intensificação do processo inflacionário já não é mais um tratamento de choque, mas uma terapia instantânea, mediante congelamento de preços e salários, e a desindexação.

José Júlio Senna, também da FGV, defendeu a necessidade de um consenso político e social para se estabelecer um programa coerente de ajustamento interno da economia. Segundo ele, o governo pouco vem fazendo para conter a espiral inflacionária.